



Informação e desinformação: compartilhamento, percepção e comportamento de egressos de Biblioteconomia

Information and disinformation: sharing, perceptions and behavior of Librarianship undergraduates

Luciana de Albuquerque Moreira 

Doutora em Informação e Comunicação em Plataformas Digitais
Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

lucianamoreiraufnr@gmail.com

Monica Marques Carvalho Gallotti 

Doutora em Informação e Comunicação em Plataformas Digitais
Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

monica_mcg@hotmail.com

Lidiane Cristina Andrade de Oliveira 

Graduada em Biblioteconomia
Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

lidianecaoliveira@gmail.com

Resumo

Consiste em socializar os resultados de uma pesquisa que investigou egressos do curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte formados entre 2000 e 2020. O objetivo foi saber como lidaram, no ambiente de trabalho, com os fenômenos das *fake news* e desinformação, no período da pandemia da Covid-19. Com vistas a construção do referencial teórico, foi realizada uma pesquisa bibliográfica por meio da Base de Dados em Ciência da Informação (Brapci), utilizando as expressões de busca: egressos, Biblioteconomia, *fake news*, Covid-19, pandemia. Discutiu-se como esse público enfrentou as adversidades apresentadas pela pandemia da Covid-19, seus desafios diante de uma sociedade contemporânea que dispõe de acesso à informação de forma rápida e imediata, porém, muitas vezes se abstém de checar sua veracidade. Destacou-se a importância das redes de compartilhamento de informação validadas e usadas com critério, e o papel do profissional da informação diante do grande número de notícias falsas presentes no cotidiano e disseminadas por meio das redes sociais. Como resultados, verificou-se que o grupo é composto por maioria do sexo feminino (74,7%) com idades diversificadas, que compartilham informações entre si por meio das redes sociais. Indicam que já tiveram contato com notícias falsas (91,6%), que perceberam aumento deste fenômeno na pandemia. No entanto, (89,5%) indicam que não compartilhariam notícias falsas e que a formação em Biblioteconomia auxilia a identificação deste tipo de notícia. Concluindo, considera-se fundamental a abordagem de estratégias para a identificação e o combate a desinformação na formação do bibliotecário.

Palavras-chave: egressos-Biblioteconomia; egressos-UFRN; compartilhamento de informação; informação-desinformação.

Abstract

It consists of sharing the results of a survey that researched 2000-2020 Library Science undergraduates from the Federal University of Rio Grande do Norte in Brazil. The research aimed to



doi: [10.28998/cirev.2024v11e15409](https://doi.org/10.28998/cirev.2024v11e15409)

Este artigo está licenciado sob uma [Licença Creative Commons 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/)

Submetido em: 23/04/2023

Aceito em: 30/11/2024

Publicado em: 24/12/2024

find out how they dealt with the fake news and misinformation phenomena of in their work environment. Bibliographical research was carried out in Database in Information Science (Brapi) aiming to support the theoretical framework using the search expressions: graduates, Librarianship, fake news, Covid-19, pandemic. It was discussed how this public faced the adversities presented by the Covid-19 pandemic, its challenges in contemporary society that has access to information quickly and immediately, however, often refrains from checking its veracity. The importance of information networks sharing was highlighted, and the role of the information professional in regard to the large number of fake news disseminated through social networks and present in everyday life. As a result, it was seen that the group is composed of a majority of females (74.7%) with different ages, who share information with each other through social networks. They indicate prior contact with fake news (91.6%) and noticed an increase in this phenomenon during the pandemic. However, (89.5%) indicate that they would not share false news and that their Librarianship training helps them to identify this type of news. In conclusion, it is considered essential to have strategies for identifying and combating disinformation in Libraryscience formation.

Keywords: *libraryscience undergraduates; graduates-UFRN; information sharing; information-disinformation.*

1 INTRODUÇÃO

Presenciamos nos últimos anos, em maior ou menor intensidade, o aumento de termos que derivam da palavra “informação”, mas que tem um sentido inverso a este. Quando se reporta à informação o que vem à tona, em primeira instância, é algo que irá informar, atender uma lacuna, necessidade, apontar uma direção, por exemplo. Em se tratando da área de Ciência da Informação, podemos considerar informação como “um fenômeno humano e social que compreende tanto o dar forma a ideias e a emoções (informar), como a troca, a efetiva interação dessas ideias e emoções entre seres humanos (comunicar)” (Silva, 2006, p. 150). E complementa, o autor, a partir da informação enquanto objeto científico, que se apresenta como:

Um conjunto estruturado de representações mentais e emocionais codificadas (signos e símbolos) e modeladas com/pela interação social, passíveis de serem registradas num qualquer suporte material [...] e, portanto, comunicadas de forma assíncrona e multi-direcionada (Silva, 2006, p. 150).

Contrapondo a noção de informação, que durante muito tempo foi (e ainda é) objeto de pesquisa na área da Ciência da Informação e um elemento central na sociedade atual, o termo “desinformação” passou a ocupar grande parte do cotidiano social e, conseqüentemente, da literatura acadêmica. A desinformação e suas variantes terminológicas (*fake news*, informação falsa) tomou corpo desde o ano de 2016, quando o termo “pós-verdade” foi escolhido como palavra do ano pelo Dicionário Oxford. Em um contexto de “pós-verdade”, os fatos são menos relevantes, do que a “convicção” ou crença, relacionando-se assim, ao fenômeno da desinformação.

De acordo com Araújo (2021, p. 101)

A expressão pós-verdade surgiu para caracterizar o momento contemporâneo em que há uma gigantesca disseminação de informações falsas, que estão moldando a tomada de decisão das pessoas (na hora de votar, de decidir pela adesão ou não a blocos econômicos, de tomar cuidados com a saúde), em quantidade e velocidade nunca vistas e, também, de maneira anônima, apócrifa, sem identificação de autoria.

Já se fala que estamos vivendo uma “infodemia”, uma espécie de pandemia da desinformação.

Diante desse cenário, investigar a influência ou interferência da desinformação no ambiente de trabalho de bibliotecários passou a ser um tema de investigação de um projeto de pesquisa que tem como prática contínua, analisar questões referentes aos egressos do curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Realizado desde 2014, em suas várias edições, o projeto buscou a aproximação entre a Universidade e o mercado de trabalho, investigando temas tais como a empregabilidade, a imagem do bibliotecário no mercado, a educação continuada, bem como temas emergentes neste contexto, tais como o fenômeno da desinformação.

E assim, a questão que motivou esta pesquisa partiu do interesse em perceber como o fenômeno da desinformação impactou as práticas profissionais de bibliotecários egressos da UFRN durante a pandemia de Covid 19?

A partir de então, a pesquisa objetivou investigar como bibliotecários egressos da UFRN lidaram no ambiente de trabalho, com os fenômenos das *fake news* e desinformação, durante a pandemia da Covid-19. E de forma específica, registrar, a partir dos relatos, as memórias dos momentos vividos no ambiente de trabalho relativamente a este fenômeno, durante a pandemia.

A realidade de mudanças bruscas na forma de trabalhar, a insegurança, o medo e tantas outras questões trazidas com a pandemia, se agravaram ainda mais a partir do aumento vertiginoso de notícias falsas, as chamadas *fake news* atingindo diretamente a perspectiva informacional vivenciada. Além do que, os temas que envolvem este “contraponto” da informação (que é a desinformação e suas variantes), são relevantes para a área da Ciência da Informação, já que bibliotecários podem atuar na checagem da veracidade, precisão e pertinência das informações que propagam.

Em se tratando da estrutura deste artigo, após a introdução, temos o referencial teórico, que aborda conceitos relativos ao assunto da desinformação, compartilhamento de informações e a percepção dos egressos em biblioteconomia diante desse cenário. Na sequência, apresentamos as estratégias metodológicas utilizadas na pesquisa, em seguida as análises dos resultados provenientes da pesquisa empírica e por fim, as considerações finais.

2 DESINFORMAÇÃO NA SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO

Conforme indicado anteriormente, a informação assume um protagonismo na sociedade atual, conhecida como sociedade da informação inaugurando novos paradigmas onde outro elemento importante vem a ser as tecnologias que em seu turno, têm o potencial de gerar conhecimento e desejada inovação em sociedade. Para Castells (1999, p. 37) a grande diferença deste novo paradigma onde existe a “penetrabilidade dos efeitos das novas tecnologias [...] a informação é uma parte integral de toda atividade humana, todos os processos de nossa existência individual e coletiva são diretamente moldados [...] pelo novo meio tecnológico” e complementa este raciocínio quando indica que “são tecnologias para agir sobre a informação, não apenas informação para agir sobre a tecnologia”. A tecnologia passa a ser percebida como uma atividade meio e não fim.

As tecnologias por sua vez, atuam na difusão de dados e informações variadas, desde as fidedignas, oriundas de fontes de informação também confiáveis até as informações geradas a partir de notícias falsas. Wardle e Derakhshan (2017) ponderam que a sociedade enfrenta um fenômeno que combina três categorias pertencente ao que denominam de

desordem informacional: a desinformação (*disinformation*), notícias falsas criadas deliberadamente e disseminadas para prejudicar uma pessoa, um grupo social, uma organização ou um país; a informação falsa (*misinformation*), mas que não tem a intenção de causar dano; e a má informação (*mal-information*), informações que são baseadas na realidade, elaboradas com a finalidade de causar danos a pessoas, organizações ou países.

A desinformação, a partir de notícias falsas, muito embora seja um fenômeno que tenha estado em evidência na atualidade, tem seus indícios que remontam desde a Antiguidade. Foi percebida no relato por parte de Imperadores Romanos “plantavam” notícias falsas sobre estrangeiros, incitando a população a rejeitá-los (Silva; Tanus, 2019). Desde a invenção da prensa de Guttemberg (meados do século XV), época que para além da ampliada circulação de livros, paramentou a difusão dos jornais modernos, já havia também a presença de boletins informativos dotados de conteúdos sensacionalistas, consortes imprescindíveis das notícias falsas.

Em um salto na história, de forma mais recente, podemos identificar uma representação deste tipo de fenômeno em campanhas presidenciais, a exemplo da norte americana, especificamente direcionada a primeira candidatura de Donald Trump. Outro episódio foi a saída do Reino Unido da União Europeia, com ocorrências envolvendo a acesso a dados restritos por parte do Facebook e a Cambridge Analytica. Estes são alguns dos exemplos de como a informação manipulada, se transforma em desinformação. Mais adiante, o fenômeno é discutido de forma mais ampliada e ganha mais notoriedade, tendo em vista que as menções ao termo aumentaram 365% em 2017 (Flood, 2017). Neste processo, as redes sociais têm um papel fundamental pois agilizam a comunicação e a propagação deste tipo de informação.

A esse respeito, Bezerra (2024, p. 76) citando uma pesquisa do Massachusetts Institute of Technology, traz o seguinte relato: “Uma notícia verdadeira leva seis vezes mais tempo para atingir pessoas nas redes sociais que as famigeradas *fake news*, que possuem uma probabilidade 70% maior de serem compartilhadas na internet”.

E assim, são consideradas “*fake news*” ou “notícias falsas” toda aquela informação produzida com o intuito de enganar ou ludibriar. Porém, existem vertentes que precisam ser consideradas nesse contexto, como o caso de notícias que possuem erros, que costumam ser aquelas de “última hora”, também conhecidas como “notícias de primeira mão”, mas que são, logo que possível, corrigidas sob o acato dos critérios jornalísticos. Um outro exemplo é quando se alcunha *fake news* a uma notícia que o usuário partícipe não concorda, independentemente de suas razões, sejam elas ideológicas, religiosas, dentre outras. Esse comportamento é um aspecto bastante presente e facilmente desenhado no contexto informacional das redes sociais. Segundo Faix (2018, p. 44, tradução nossa), “se alguém gosta ou não de uma notícia, não tem nada a ver com se ela é real ou falsa - uma análise muito mais profunda dos fatos - ou a falta dela - é necessária”.

Como exemplos a serem citados, o Twitter, Facebook e *WhatsApp*, são algumas das redes sociais que cooperam bastante na velocidade com que a informação é concebida e disseminada. Segundo Ferrari (2017, p. 410)

[...] a internet proporciona, em primeiro lugar, a multiplicidade e heterogeneidade das conexões. Cada ponto da rede pode realizar conexões infinitas com múltiplos pontos descentralizados, um rizoma geolocalizável de ocupação de espaços, que estão em constante movimento, pois vivemos um presente ‘tagueado’, ou seja, um tempo que pode ser resgatado a qualquer minuto por bancos de dados, mas que não se torna desejado, pois a presentificação se impõe sobre a memória.

Em suma, na maioria dos casos, estas ferramentas informacionais dificultam bastante a checagem da notícia que está em circulação, devido ao número exorbitante de usuários, mesmo as compartilhadas por uma rede de amigos, validando a atitude como “bem-intencionada”. O compartilhamento é feito de forma instantânea e rápida, sem que haja, muitas vezes, uma análise criteriosa do que se está compartilhando. A esse respeito, Han (2022, p. 16) reflete: “A verdade também requer muito tempo. Onde uma informação persegue a outra, não temos tempo para a verdade”. E assim, a velocidade do acesso a uma notícia, não é sinônimo de leitura, mesmo com o intenso uso de redes sociais.

A comunicação por meio de códigos verbais para se transmitir uma mensagem de forma comum é uma marca das primeiras civilizações. No século XX, a comunicação acontece de uma forma mais profunda, o que torna a informação cada vez mais acessível. Mediante esse cenário, as redes sociais deixaram de se limitar a relacionamentos e se transformaram em fontes de pesquisa, de notícias e passaram a possuir características interativas, o que possibilita não só o acesso à informação, como uma capacidade de gerar conteúdo. Segundo Baudrillard (1992, p. 39)

Estamos numa sociedade da proliferação, do que continua a crescer sem poder ser medido por seus próprios fins. O excrescente é o que se desenvolve de modo incontrolável, sem respeito pela própria definição, aquilo cujos efeitos multiplicam-se com o desaparecimento das causas.

Assim sendo, tudo o que foi publicado na internet pode vir a ser modificado, o que não acontece, por exemplo, em uma mídia impressa (jornais, revistas, etc.). Diante dessa liberdade e interação existente na rede, cada vez mais pessoas se utilizam dessa ferramenta para mobilização, seja física ou virtual. Diante disso “foi mostrado que as redes sociais são mecanismos influentes na difusão de conteúdos que não tenham passado por determinados filtros [...] que agravam a possibilidade de manipular a percepção da realidade por meio da disseminação de conteúdos falsos” (Lazer *et al.*, 2018, p. 3, tradução nossa).

Com a propagação e o alcance da internet mundo afora, atingindo desde os grandes centros até os subúrbios e o aumento de sua acessibilidade, a sociedade se viu diante de poder desfrutar de um meio de comunicação rápido, sagaz e interativo, com capacidade de disseminar e compartilhar informação e conteúdo em larga escala. Ainda segundo Lazer *et al.* (2018, p. 2, tradução nossa):

O surgimento de notícias falsas destaca a erosão de baluartes institucionais de longa data contra desinformação na era da internet. A preocupação com o problema é global. No entanto, muito permanece desconhecido sobre as vulnerabilidades de indivíduos, instituições e sociedade às manipulações de atores maliciosos.

Com efeito, nesse cenário de ascensão, as tecnologias digitais que, atualmente, são amplamente divulgadas têm se aperfeiçoado cada vez mais. Entretanto, o mesmo ser que acompanha esse desenvolvimento tecnológico, também encontra uma forma de utilizá-lo em benefício próprio. Como exemplo de um viés negativo, a violação de intimidade e a invasão à vida particular das pessoas faz com que, ao mesmo tempo que a internet nos propicie um alcance tecnológico substancial, esse comportamento acaba por pulverizar o direito à liberdade, o que vai de encontro aos vários aspectos positivos da popularização e uso dessas tecnologias.

A esse respeito Han (2022, p. 16) ressalta,

A informação, por si só, não ilumina o mundo. Pode mesmo obscurecê-lo. A partir de um determinado ponto, não é informativa, mas deformativa. [...] A entropia informativa em rápido crescimento, ou seja, o caos informativo, lança-nos numa sociedade pós-fáctica. A distinção entre verdadeiro e falso é nivelada. As informações circulam agora, sem qualquer referência com a realidade, num espaço surreal. As *fake news* são informações, que podem ser mais efetivas do que os factos. O que conta é o efeito a curto prazo. A eficácia substitui a verdade.

A pós-verdade (pós-facto), como apontada pelo autor supracitado, e conforme mencionado anteriormente, ganhou destaque em 2016 como a palavra mais usada naquele ano. E o seu uso, aumentou vertiginosamente, passando a fazer parte do cotidiano da sociedade.

É justamente neste lócus que se insere o bibliotecário. Uma vez que a matéria prima de seu trabalho é a informação, o seu *métier* “fundamenta-se na teoria e na prática da criação, acesso, validação, organização, transmissão, pesquisa e difusão da informação” (Clausen, 1990, p. 268, tradução nossa). Inerentemente ao processo de difusão da informação está a avaliação de fontes de toda e qualquer notícia recebida. Neste sentido, Zattar (2017, p. 287), afirma que “ter acesso às fontes de informação é uma tarefa diária essencial na atualidade” e completam-se esse raciocínio afirmando que esta tarefa é essencial no trabalho do bibliotecário.

Mas o manejo com estes tipos de representações de informação, as fontes de informação, necessitam de cuidados especiais. Tomaél *et al.* (2001, p. 4) discute que “As fontes de informações disponíveis na Internet devem ser utilizadas com cautela. As selecionadas para uso devem ser filtradas por critérios de avaliação que analisem tanto o conteúdo, quanto a apresentação da informação”. Pondera-se em geral que este profissional como ser pertencente de uma sociedade que está sempre em movimento, não deve se limitar a difundir a informação de forma mecânica, ao contrário, deverá ser um processo que leve em consideração o complexo contexto atual e trabalhar de forma a disseminar informação com qualidade, veracidade e relevância.

Diante do exposto, se faz necessário compreender como os bibliotecários se portam diante desta sociedade complexa imbuída por estes fenômenos acima descritos. Neste sentido, pretende-se analisar como estes se portam mediante a disseminação de notícias falsas e o aumento da desinformação, suas rotinas de busca, análises e estratégias adotadas para a checagem de informação bem como investigar em que medida a formação em nível de graduação os ajudou na identificação de *fake news* e o que tem feito para combater essa prática.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A presente pesquisa tem duas dimensões, uma teórica, onde se busca uma fundamentação conceitual para se refletir sobre o fenômeno da desinformação, e outra empírica, realizada por meio da coleta de evidências com egressos do curso de Biblioteconomia da UFRN formados no período compreendido entre 2000 a 2020.

Para operacionalizar a primeira vertente da pesquisa utilizou-se a pesquisa bibliográfica. Para Fonseca (2002, p. 31):

A pesquisa bibliográfica é feita a partir do levantamento de referências teóricas ‘já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos e páginas de *websites*’ [...]. Qualquer trabalho científico inicia-se com

uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto.

A pesquisa bibliográfica é a mola propulsora de todo método científico. Visando analisar as principais teorias de um tema e a sua realização de diferentes finalidades, foi o ponto inicial da nossa pesquisa.

Para subsidiar a pesquisa bibliográfica recorreu-se à Base de Dados em Ciência da Informação (Brapci), no ano de 2021. Como expressão de busca utilizou-se as palavras “*fake news*” juntamente com “Biblioteconomia”, obteve-se um total de 12 artigos publicados. Acrescentando-se a palavra-chave “Covid” à pesquisa anterior, obteve-se apenas 2 artigos. A fim de refinar mais a pesquisa, foi inserida a palavra-chave “Pandemia”. O resultado dessa busca utilizando-se quatro palavras-chave interligadas forneceu os mesmos dois artigos apresentados anteriormente. Ao ampliar a gama expressões de busca para aprofundar a pesquisa, e isolando-se os termos “*fake news*” e “Ciência da Informação”, obtivemos 41 itens e “*fake news*” junto com o termo “pandemia” nos remeteu a 30 textos publicados. Por fim, pode-se observar um número considerável de ocorrências na referida base de dados, o que evidencia a importância de se analisar o tema em questão, principalmente mediante as mudanças apresentadas pela sociedade atual e seus desafios.

Após essa etapa de pesquisa bibliográfica, leitura e construção da base teórica da pesquisa, deu-se início a segunda dimensão da pesquisa, que foi a construção do instrumento de coleta de dados. Diante do panorama pandêmico, optou-se pelo questionário *online* elaborado com auxílio do *Google Forms*, com questões abertas e fechadas enviados via *e-mail* para egressos cadastrados no Sistema Integrado de Gestão de Atividades Acadêmicas (Sigaa) utilizado na UFRN. Importante sinalizar que o curso de Biblioteconomia da referida universidade, iniciou suas atividades em 1997, formando assim a primeira turma em 2000.

O número de egressos cadastrados no Sigaa, na época da coleta (2021), era de 524 no total. No entanto, para atender ao recorte temporal estabelecido, (equivalente ao período de 2000 a 2020), o número de egressos ficou em 480. Tal recorte foi feito a partir do entendimento dado a esta pesquisa, de que é preciso um período mínimo de inserção no mercado após a conclusão do curso. E assim, considerou-se como amostra os egressos formados entre os anos de 2000 a 2020. A expectativa era de, a partir de um questionário aplicado, formar um corpo teórico-prático sobre os temas propostos e impelidos. Segundo Barbosa (2008, p. 1):

Também chamado de *survey* (pesquisa ampla), o questionário é um dos procedimentos mais utilizados para obter informações. É uma técnica de custo razoável, apresenta as mesmas questões para todas as pessoas, garante o anonimato e pode conter questões para atender a finalidades específicas de uma pesquisa. Aplicada criteriosamente, esta técnica apresenta elevada confiabilidade. Podem ser desenvolvidos para aplicação, os questionários fazem uso de materiais simples como lápis, papel, formulários, etc. Podem ser aplicados individualmente ou em grupos, por telefone, ou mesmo pelo correio. Pode incluir questões abertas, fechadas, de múltipla escolha, de resposta numérica, ou do tipo sim ou não.

Na perspectiva de Berzelak, e Vehovar (2009), esses tipos de questionários trazem vantagens, a saber: as respostas podem ser inseridas diretamente no computador, eliminando possíveis erros com a transcrição, ampliam a possibilidade de organização e padronizam o tratamento dos dados. Além disso, constitui-se num método prático para os

respondentes, na medida em que podem respondê-lo de forma remota. Ainda, permitem mais agilidade, menor custo e melhor controle no recebimento das respostas.

Na seção seguinte, apresentam-se as discussões e análises dos principais dados obtidos com a coleta.

4 ANÁLISES E DISCUSSÕES DOS RESULTADOS

De acordo com o exposto na seção anterior, no mês de agosto de 2021 foram enviados 480 e-mails coletados no sistema Sigaa referente aos egressos. Destes, 103 questionários foram respondidos e analisados.

A parte inicial da pesquisa foi constituída por questões que se voltaram a analisar o perfil dos respondentes. Dos resultados, 74,7% daqueles que responderam à pesquisa são mulheres, 24,2% são homens e 1% preferiu não responder. Este perfil com predominância feminina já é algo consolidado na área de Biblioteconomia e percebido em pesquisas de um modo geral.

Ao cruzar os dados ligados a faixa etária, o resultado mostrou um público diversificado, onde 37,9% têm idades entre 41 e 50 anos, enquanto 22,1% estão entre os 36 e 40 anos. Já 21,1% dos pesquisados estão entre os 23 e 30 anos, 17,9% entre os 31 e 35 anos e 1,1% possuem mais de 51 anos. Os egressos, a partir desses números, podem ser percebidos como adultos jovens e sendo assim, com potencialidade de contato mais intenso com as tecnologias digitais no ambiente de trabalho, mais facilidade de conexão e compartilhamento de informações. Portanto, por terem contato com a informação mediada pelas plataformas digitais e redes sociais é mais provável que tenham tido contato com o fenômeno da desinformação, em seus variados aspectos.

Todos esses fenômenos, como apontava Castells (1999), pertencentes a essa dicotomia presente na sociedade contemporânea em que as ações relacionadas a nossa existência, seja individual ou coletiva, passam a ser mediadas pelo meio digital.

Quanto à renda mensal, 60,6% ganham acima de três salários-mínimos; 23,4% de dois a três salários-mínimos e 16% possuem renda de um salário-mínimo. Ao menos no grupo aqui representado, pode-se inferir que a remuneração acima de 3 salários-mínimos é um salário justo. No entanto, a realidade 39,4% é de 1 a 3 salários-mínimos, o que representa uma defasagem salarial considerável, tendo em vista a recomendação, de acordo com o Portal Salário, e dados de 2023, o bibliotecário deve ganhar em média entre R\$ 2.830,00 e R\$ 3.815,00 no mercado de trabalho brasileiro, com jornada de trabalho de 39 horas semanais (Portal Salário, 2023).

Complementar a essa questão, foi indagado o lugar de moradia e de atuação. A maioria dos respondentes, quase 60% residem de Natal ou em Parnamirim (grande Natal), ficando o restante, divididos entre outras cidades do Rio Grande do Norte (Mossoró, Caicó e São Gonçalo do Amarante) e outros locais no Brasil bem como no exterior, a exemplo de Québec (Canadá).

Os dados acima mostram que há uma concentração de egressos residindo na mesma cidade da formação acadêmica em Biblioteconomia, ou seja, em Natal e região metropolitana. Este dado é relevante para perceber que a ocupação do mercado de trabalho também se concentra no mesmo local de moradia, havendo, portanto, a chance de formação de redes de *networking* construídas pelos egressos, ainda durante a graduação. E consequentemente, a formação de redes de compartilhamento de informação, podem ser facilitadas por essa característica. Para Tomaél (2012, p. 7) as relações sociais entre pessoas

convergem sempre em uma forma de compartilhamento informacional, principalmente pelo “propósito de partilhar, utilizar, experimentar, usufruir ou participar de ações presentes em espaços multifacetados, que podem ser apropriados de formas diversas”.

A questão do relacionamento e compartilhamento informacional, foi assim, enriquecida com os dados da pesquisa, principalmente por entender que o compartilhamento de informações ocorre a partir da interação social e se constitui “na troca de informações entre os parceiros, que produzem o aumento da visibilidade da cadeia que abastece os processos nos quais estão inseridos” (Tomaél, 2012, p. 13).

Outrossim, podem-se inferir que estes profissionais integram o que se denomina de Comunidade de Prática (CoP). Wenger, McDermott, Snyder (2002, p. 4, tradução nossa) definem CoP como “grupos de pessoas que compartilham uma preocupação, um conjunto de problemas, ou uma paixão sobre um tópico, e que aprofundam seu conhecimento e experiência nesta área, interagindo continuamente”. Portanto, entender e analisar a rede de relacionamento e compartilhamento informacional existente entre os egressos, se mostrou relevante nesta pesquisa. Além disso, a literatura revela que o compartilhamento é uma espécie de método para aquisição de informação demasiadamente usado. Para Davenport e Prusak (1998, p. 115):

Compartilhar não deve ser confundido com relatar, uma troca informal de informações de maneira rotineira ou estruturada. O vocábulo compartilhamento implica vontade. Aquele que compartilha pode passar a informação adiante, mas não é obrigado a isso.

Deste modo, 83,2% dos egressos responderam que possuem contato com seus colegas ou contemporâneos de graduação e todos, 100% dos respondentes, consideram importante a manutenção desses laços.

Outra questão complementar buscou saber quais as fontes de informação que são mais utilizadas no ambiente de trabalho, bem como usadas para compartilhamento de informações. De acordo com os resultados, 89,9% afirmaram trocar informações, experiências ou notícias relacionadas a sua área de atuação usando o aplicativo *WhatsApp* como principal rede de compartilhamento, rendendo 77,9% de respostas e seguido de perto pelo Instagram, com 69,5%, o Youtube com 32,6% e o Facebook, com 31,6%. [A este respeito](#), Mueller (2000, p. 23) considera que referente às atividades do bibliotecário, as tecnologias trouxeram modernas ferramentas para auxiliar na organização, tratamento e disseminação de informações, destacando-se que seu trabalho “[...] é, em grande parte, baseado no conhecimento e uso de fontes de informação digitais [...]”.

Estes dados revelam uma importante incorporação das redes sociais como ferramenta de comunicação síncrona desta comunidade de prática. A respeito do compartilhamento e do uso intenso de redes sociais, Han (2022, p. 89) explana que, “produzimos incessantemente informação, para que os outros gostem dela. [...] O nosso lema é, *sharing*. Agora queremos partilhar tudo com todos, o que conduz a um ruidoso *tsunami* de informação”.

Para além do exposto, a pesquisa procurou se aprofundar no comportamento dos profissionais da informação diante do cenário pandêmico que surge em decorrência do alastramento em escala mundial do Coronavírus. Neste contexto, as redes sociais foram utilizadas com maior intensidade para que as pessoas pudessem se comunicar, mesmo estando em isolamento quando da implantação de medidas restritivas e de locomoção, características do período mais grave da pandemia.

Pôde-se evidenciar que a desinformação e a disseminação de notícias falsas, que já eram extremamente alarmantes e preocupantes, ganharam ainda mais força e se tornaram um dos grandes empecilhos para o controle e a decretação do fim desse flagelo, que somou mais de 700 mil mortos, dados de 2023 disponibilizados pelo Ministério da Saúde¹.

Enquanto profissional da informação, é dever do bibliotecário, sempre se valer da busca e avaliação das fontes de informação, visto que cabe a esse profissional o trato desse valioso item. Segundo Zattar (2017, p. 288)

Ter acesso às fontes de informações é uma tarefa diária e essencial na atualidade. Contudo, não basta que se tenha acesso a qualquer tipo de informação, pois é necessário qualidade, relevância e veracidade nos mais diferentes contextos, de forma que sejam evitadas desinformações e notícias falsas nas bolhas informacionais em que somos inseridos.

Procurando entender o comportamento dos egressos quanto às notícias falsas e a sua propagação, questionamos se estes haviam recebido, por alguma rede social, uma notícia que considerou *fake news* relacionadas a Pandemia do Covid-19.

Os resultados apontaram que 91,6% dos questionados respondeu afirmativamente, que haviam recebido notícias consideradas falsas. Enquanto 8,4% respondeu negativamente. Quando perguntados se observaram o aumento da quantidade de *fake news* durante esse período, 94,7% responderam que sim e 5,3% disseram que não.

A esse respeito Bezerra (2024, p.76) constata que:

Por apresentar maior potencial de interação e engajamento, a desinformação se torna ainda mais lucrativa do que a circulação de notícias verdadeiras, o que propicia a criação de uma indústria da desinformação que se torna parte integrante de uma cadeia de valor articulada a núcleos de distribuição e de financiamento de informações na internet, com as plataformas desempenhando um papel decisivo tanto na esfera da produção (via financiamento) como na da circulação (via redes sociais) de desinformação.

Foi questionado se ao detectar uma informação falsa, houve a imediata procura de alguma fonte de informação confiável para desmentir ou combater essa notícia. 87 egressos responderam em maioria que sim, havia a busca em fontes confiáveis, como os destaques a seguir:

Sim, sempre que recebo algum dado que não acredito que seja verdadeiro, busco as informações citadas, autor, artigo, matéria, para que seja comprovado ou desmentido o que foi lido (Entrevistado 1).

Sim. As vezes uma simples busca na internet é suficiente para contra argumentar uma informação falsa (Entrevistado 2).

Com todo o cuidado que o momento exige. Sempre buscando fontes oficiais e ainda ajudo a verificar possíveis informações falsas que chegam até o núcleo de trabalho (Entrevistado 3).

Esses dados são bastante importantes pois levantam questões acerca do real poder de identificação se uma notícia é, de fato, falsa ou não por parte desses profissionais, visto que se trata de uma questão muito mais profunda do que aparenta. Identificar uma *fake news* envolve experiência e familiaridade tanto com o meio social, como com as bases de

¹ Informações retiradas do portal do Ministério da Saúde. Disponível em: <https://bit.ly/41nAfN8>. Acesso em: 13 abr. 2023.

dados confiáveis, as diversas fontes de informação disponíveis e as tecnologias digitais envolvidas.

Ao se apropriar da informação e desenvolver-se cognitivamente, o usuário assume um papel atuante na sociedade, já não é passivo aos fenômenos sociais, mas participante, crítico e modificador das circunstâncias que o contorna (Santos; Duarte; Lima, 2014, p. 39).

Quando questionados se, em algum momento e mesmo sem a intenção, compartilharam alguma notícia da qual não tivessem certeza de sua veracidade, 89,5% afirmaram que não, nunca compartilharam esse tipo de conteúdo, enquanto 10,5% dos entrevistados afirmaram que sim, já haviam compartilhado.

Um dado interessante que revela é que até os profissionais acostumados a lidar com a informação e que têm o cuidado de analisar as fontes que recebem, não estão livres da armadilha presente por meio dos inúmeros emaranhados tecnológicos e acabam, mesmo sem intenção, contribuindo algumas vezes, para a disseminação de uma notícia de origem duvidosa. Corrêa e Custódio (2018 p. 15-16) destacam que

O bibliotecário facilita a formação de cidadãos autônomos para a busca e acesso à informação e, o mais importante, conscientes e críticos para sua utilização visando não somente o proveito próprio, mas também o bem comum. Bibliotecários influenciam na maneira como as pessoas consomem o conhecimento e constroem novos saberes, e, por isso, precisam estar munidos de ferramentas úteis contra notícias falsas. Devem, assim, aprender a aprender para, posteriormente, multiplicar esse conhecimento e transformar cada interagente de sua comunidade em um novo multiplicador.

Ainda nesta mesma linha de pensamento, Ribeiro e Redigolo (2023) ressaltam que o papel que deve desempenhar para com este cidadão na era digital baseia-se em oferecer fontes de informações válidas para que neste meio não surjam ruídos, informação distorcida e/ou incompleta, tendo em vista que não haja prejuízo no discernimento desses usuários.

Em sequência, foi indagado se a formação acadêmica em Biblioteconomia os ajudou na identificação de *fake news* para evitar o seu compartilhamento. A grande maioria, 88,4% afirmou positivamente, que a sua formação ajudou na identificação de uma notícia falsa e assim, evitar seu compartilhamento. No entanto, 8,4% responderam que, apesar da formação, não conseguem identificar notícias falsas. E ainda, 3% dos respondentes sinalizaram que a formação em Biblioteconomia ajudou nas habilidades de busca de informações, com disciplinas e projetos sobre fontes de informação, porém, acrescentaram que deveria haver uma disciplina voltada, especificamente para este tema. Estes dados reforçam a necessidade de se incorporar à formação de futuros bibliotecários, conteúdos ligados a identificação de notícias falsas.

Também lhes foi questionado sobre quais fontes de informação mais utilizavam em seu cotidiano de trabalho, e eles responderam desde redes sociais, com o *Instagram*, *Telegram*, *WhatsApp* e e-mail, até base de dados, artigos científicos, sites institucionais, livros, revistas, jornais, podcasts e fontes ligadas a atualidade, ratificando a importância de lidar com a diversidade de fontes, como afirmou Zattar (2017).

De forma geral, afirmaram que, ao detectar uma informação falsa, procuraram fontes confiáveis para desmentir ou combatê-la, tendo apenas seis respostas negativas e, sendo estas, de pessoas que afirmaram não compartilhar e excluir a informação ao percebê-la falsa. Os egressos com respostas positivas disseram utilizar portais de notícias, *websites* e

revistas especializadas, consulta a outros profissionais da área, bancos de dados da Organização Mundial de Saúde (OMS) e periódicos para refutar esse tipo de notícia.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa de cunho teórico-empírica partiu da necessidade de avaliar como o bibliotecário lida com o fenômeno das *fake news* e toda a sua panóplia. Para isso, investigou-se uma comunidade de prática específica, a de egressos do curso de Biblioteconomia da UFRN formados no período de 2000 a 2020.

Partiu-se do pressuposto geral de que o fenômeno supracitado é comum na atualidade e que faz parte do cotidiano do profissional bibliotecário. Então, torna-se fundamental analisar como se portam diante deste com vistas a analisar tendências no campo. As inferências e resultados podem potencialmente contribuir para melhor refletir sobre as habilidades exigidas na sociedade por parte desse profissional bem como subsidiar a tomada de decisão relativa ao preparo e formação destes para o ingresso no mercado de trabalho. Outrossim, podem contribuir para a manutenção dos pilares sociais e democráticos de uma sociedade igualmente pretendida.

Ao investigar junto aos egressos do curso de Biblioteconomia da UFRN atuantes no mercado de trabalho, como lidaram com os fenômenos das *fake news* e desinformação, no período da pandemia da Covid-19, esta pesquisa trouxe, a partir do seu recorte, um cenário muito promissor do perfil bibliotecário em relação aos fenômenos aqui tratados. Uma vez que apontam para um estado de maturidade profissional e social ao tratar do combate das informações falsas.

Lidar com essa situação, remete aos antepassados e a sua busca por uma verdade imutável e incontestável, por eles firmemente defendida. Sócrates, um dos precursores dos conhecimentos filosóficos, foi visionário ao afirmar que, antes de qualquer divulgação, é cabal confirmar se tratar mesmo de uma informação verdadeira. Caso não sendo possível obter a certeza desta verdade, deve-se encerrar a avaliação e não a divulgar. Ainda segundo o filósofo e sua teoria das “Três peneiras”:

A primeira peneira é a VERDADE. O que você quer me contar dos outros é um fato? Caso tenha ouvido falar, a coisa deve morrer aqui mesmo. Suponhamos que seja verdade. Deve então passar pela segunda peneira: a BONDADE. O que você vai contar é uma coisa boa? Ajuda a construir ou destruir o caminho, a fama do próximo? Se o que você quer contar é verdade e é coisa boa, deverá passar ainda pela terceira peneira: a NECESSIDADE. Convém contar? Resolve alguma coisa? Ajuda a comunidade? Pode melhorar o planeta? (Beck, 2017).

Precisa-se ser muito perspicaz para conseguir diferenciar uma informação falsa de uma verdadeira e a era atual, de pós-verdade, revela que as pessoas ainda não conseguem fazer essa distinção. Vivemos uma sociedade de informação instantânea e interativa, em que o profissional da informação precisa vislumbrar que o seu papel vai além de um mediador de informação para o usuário, mas também um eterno aprendiz de novas habilidades e competências, que precisam estar em constante desenvolvimento para que haja a supressão das demandas e desafios tão urgentes da sociedade da informação, bem como da sociedade da desinformação, esta sendo ainda mais urgente e necessitada de atenção para o combate desta prática.

Conforme visto, muito é exigido ainda dos profissionais, pois assumem a responsabilidade de lidar e tratar bem da informação. Diante de mudanças tecnológicas e da

velocidade de propagação de várias gamas de informação, o bibliotecário se vê diante do desafio de entender, analisar e compreender cenários que facilitam a propagação de *fake news* bem como o seu surgimento.

Perante todo este englobe, o profissional se depara com uma existência que não se restringe a um viés tecnicista de sua profissão, mas como um agente modificador de realidades e comportamentos, contribuindo assim para a formação de uma sociedade cada vez mais justa e igualitária, que venha a romper paradigmas e reconheça que o único caminho para uma emancipação intelectual e questionadora de fatos é através do acesso e disseminação de uma informação de qualidade. Por fim, como arrematou Sócrates (Beck, 2017) “Se passou pelas três peneiras, conte! Tanto eu, como você iremos nos beneficiar. Caso contrário, esqueça e enterre tudo!”.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. Pós-verdade: novo objeto de estudo da Ciência da Informação. **Inf. Inf.**, Londrina, v. 26, n. 1, p. 94–111, jan./mar. 2021. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/39667>. Acesso em: 15 abr. 2023.
- BARBOSA, Eduardo F. Instrumentos de coleta de dados em pesquisas educacionais. **Ser Professor Universitário**, [s.l.], 5 dez. 2008. [Módulo 21 – Metodologia de Pesquisa]. Disponível em: <https://bit.ly/2nURDbx>. Acesso em: 26 jul. 2022.
- BAUDRILLARD, Jean. **A transparência do mal**: ensaio sobre os fenômenos extremos. Tradução Estela dos Santos Abreu. 2. ed. Campinas: Papyrus, 1992.
- BECK, Caio. Peneiras da sabedoria (Sócrates). **Andragogia Brasil**, [s.l.], 4 maio 2017. Disponível em: <https://bit.ly/3G7m5I1>. Acesso em: 25 jun. 2022.
- BERZELAK, Jernej; VEHOVAR, Vasja. Information technology in survey research. In: KHOSWROW-POUR, Medhi (ed.). **Encyclopedia of Information Science and Technology**, v. 4. 2nd ed. [Hershey, PA]: IGI Global, 2008. p. 2024-2029. Disponível em: <https://bit.ly/3LXV8tP>. Acesso em: 28 mar. 2023.
- BEZERRA, Arthur Coelho. **Miséria da informação**: dilemas éticos da era digital. Rio de Janeiro: Garamond, 2024.
- CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- CLAUSEN, Helge. The future information professional: old wine in new bottles? Part One. **Libri: International Journal of Libraries and Information Studies**, v. 40, n. 4, p. 265-277, 1990. Disponível em: <https://bit.ly/3M9OIrF>. Acesso em: 20 mar. 2023.
- CORRÊA, Elisa Cristina Delfini; CUSTODIO, Marcela Gaspar. A informação enfurecida e a missão do bibliotecário em tempos de pós-verdade: uma releitura com base em Ortega y Gasset. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, v. 14, n. 2, p. 197-214, maio/ago. 2018. Disponível em: <https://bit.ly/3KmodOl>. Acesso em: 25 jan. 2022.

DAVENPORT, Thomas H.; PRUSAK, Laurence. **Ecologia da informação**: porque só a tecnologia não basta na era da informação. Tradução de Bernadette Siqueira Abrão. São Paulo: Futura, 1998. Disponível em: <https://bit.ly/3IWFO6i>. Acesso em: 18 ago. 2021.

FAIX, Alisson. Teaching online research in the “fake news” Era. In: ASCUE SUMMER CONFERENCE, 51., Mirtle Beach, SC, 2018. **Ascue Proceedings** [...]. Mirtle Beach, SC: ASCUE, nov. 2018. p. 43-51. Disponível em: <https://eric.ed.gov/?q=ascue&id=ED592847> . Acesso em: 21 ago. 2022.

FERRARI, P. *Fake news*, pós-verdade e o consumo de informações. In: ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 26., 2017, São Paulo. **Anais** [...]. São Paulo: Faculdade Cásper Líbero; 2017. Disponível em: <https://bit.ly/41aCxQ8>. Acesso em: 14 abr. 2023.

FLOOD, Alison. *Fake news* is ‘very real’ word of the year for 2017. **The Guardian**, [s./l.], 2 Nov. 2017. Disponível em: <https://bit.ly/2ITWYk4>. Acesso em: 20 mar 2023.

FONSECA, José João Saraiva da. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila. Disponível em: <http://www.ia.ufrj.br/ppgea/conteudo/conteudo-2012-1/1SF/Sandra/apostilaMetodologia.pdf>. Acesso em: 31 ago. 2023.

HAN, Byung-Chul. **Não-coisas**: transformações no mundo em que vivemos. Tradução Ana Falcão Bastos. Lisboa: Relógio D’água, 2022.

LAZER, David; BAUM, Matthew; BENKLER, Yochai; BERINSKY, Adam; GREENHILL, Kelly; MENCZER, Filippo; METZGER, Miriam; NYHAN, Brendan; PENNYCOOK, Gordon; ROTHCHILD, David; SCHUDSON, Michael; SLOMAN, Steven; SUNSTEIN, Cass; THORSON, Emily; WATTS, Duncan; ZITTRAIN, Jonathan. The science of *fake news*: **Science**. v. 359, n. 6380, p. 1094-1096. Mar. 2018. Disponível em: <https://bit.ly/3ZdyvVi>. Acesso em: 31 ago. 2022.

MUELLER, Suzana Pinheiro Machado. A ciência, o sistema de comunicação científica e a literatura científica. In: CAMPELLO, Bernadete Santos; CENDÓN, Beatriz Valadares; KREMER, Jeannette Marguerite (org.). **Fontes de informação para pesquisadores e profissionais**. Belo Horizonte: UFMG, 2000. p. 21-31.

PORTAL SALÁRIO. **Bibliotecário - Salário, piso salarial, o que faz e mercado de trabalho**. 2023. Disponível em: <https://www.salario.com.br/profissao/bibliotecario-cbo-261205/>. Acesso em: 13 abr. 2023.

RIBEIRO, Ronald de Jesus Alves; REDIGOLO, Franciele Marques. O bibliotecário como aliado no combate às fake news no contexto da desinformação. **BIBLOS**, Rio Grande, v. 37, n. 2, p. 46-59, jul./dez. 2023. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/biblos/article/view/16191>. Acesso em: 13 out. 2024.

SANTOS, Raquel do Rosário; DUARTE, Emeide Nóbrega; LIMA, Izabel França de. O papel do bibliotecário como mediador da informação no processo de inclusão social e digital. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 10, n. 1, p. 36-53, jan./jun. 2014. Disponível em: <https://bit.ly/3GJjcxI>. Acesso em: 14 abr. 2023.

SILVA, Armando Malheiro da. **A informação**: da compreensão do fenômeno e construção do objecto científico. Porto: Afrontamento, 2006.

SILVA, Silvana Souza da; TANUS, Gabrielle Francinne de Souza Carvalho. O bibliotecário e as *fake News*: análise da percepção dos egressos do curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. **Informação em Pauta**, Fortaleza, v. 4, n. 2, p. 58-82, jul./dez. 2019. Disponível em: <https://bit.ly/3M4Uxqk>. Acesso em: 25 ago. 2022.

TOMAÉL, Maria Inês. Categorias e dimensões do compartilhamento da informação. *In*: TOMAÉL, Maria Inês (org.). **Compartilhamento de informação**. Londrina: EDUEL, 2012. 227p. p.13-40.

TOMAÉL, Maria Inês; CATARINO, Maria Elisabete; VALENTIM, Marta Lígia Pomim; ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de; SILVA, Teresinha Elisabeth da. Avaliação de fontes de informação na internet: critérios de qualidade. **Informação & Sociedade: Estudos**, v. 11, n. 2, p. 1-14, 2001. Disponível em: <https://www.proquest.com/openview/08b8a185942883dd45d15b3314a5a83c/1?pq-origsite=gscholar&cbl=2030753>. Acesso em: 20 mar. 2023.

WARDLE, Claire; DERAKHSHAN, Hossein. **Information Disorder**: Toward an interdisciplinary framework for research and policy making. Strasbourg Cedex: Council of Europe, 2017. Disponível em: <https://bit.ly/37NcPG0>. Acesso em: 20 mar. 2023.

WENGER, Etienne; MCDERMOTT, Richard; SNYDER, William M. **Cultivating communities of practice**: a guide to managing knowledge. Boston, MA: Havard Busines School Press, 2002. Disponível em: <https://bit.ly/bcMfwj>. Acesso em: 14 abr. 2022.

ZATTAR, Marianna. Competência em informação e desinformação: critérios de avaliação do conteúdo das fontes de informação. **Liinc em Revista**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 2, p. 285-293, nov. 2017. Disponível em: <https://bit.ly/2Xhf4PG>. Acesso em: 30 ago. 2022.

INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES

Este artigo é parte dos resultados da pesquisa intitulada: Práticas informacionais dos egressos do curso de Biblioteconomia: análise do mercado de trabalho dos egressos formados na Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Agradecemos o apoio institucional e financeiro da UFRN, possível a partir do EDITAL N° 01/2021 - INICIAÇÃO CIENTÍFICA.